



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva *Ações Inclusivas de Sucesso*

Belo Horizonte
24 a 28 de maio de 2004

Realização:



Mesa Redonda “Arte e Inclusão Social - A experiência do Projeto Guernica”

PROJETO GUERNICA: GRAFITE, ARTE E HISTÓRIA

Marcelo Matta de Castro

Introdução

A pichação é um fenômeno contemporâneo. Está presente em vários países e ao mesmo tempo é marcadamente urbana. Encontra-se pichação nos grandes centros urbanos de nações desenvolvidas e em desenvolvimento. Para além do aspecto urbano, mas em consonância com ele, a pichação coloca em ação a figura do pichador. Na sua maioria são jovens de 12 a 18 anos que com sua escrita distorcida e ilegível, marcam os muros e monumentos das grandes cidades.

Mas o que querem dizer com esta estranha linguagem? Esta pergunta foi formulada nestes termos pelo prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro. Para além da escrita pode estar um sujeito que a veicula. A partir daí constituiu-se uma comissão no Gabinete do Prefeito para pesquisar a pichação. Desta comissão fiz parte, juntamente com outros colegas. Adotamos como metodologia uma série de entrevistas nas quais procuramos detalhadamente escutar pessoas envolvidas com a questão estudada. Foram ouvidos Grafiteiros, Urbanistas, Antropólogos, Psicanalistas, Sociólogos, Arquitetos, a Polícia, os Pichadores. A comissão iniciou seus trabalhos em 1999 e em 2000 demos início, como resultado desses, do Projeto Guernica.

O projeto tem como pressuposto fundamental a transmissão junto aos pichadores de conceitos vindos de outros campos como as artes, a história e o urbanismo. Para este objetivo foram escolhidas cinco regiões da cidade, onde se iniciaram oficinas

coordenadas por artistas plásticos auxiliados por monitores que eram grafiteiros da própria região de atuação da oficina. Principiou, assim, um curioso processo de contato destes adolescentes com obras de eminentes mestres das artes, com a história da própria cidade e sua memória, em meio a conceitos advindos do urbanismo. Ao final de 2000 realizamos um Seminário de avaliação na Escola de Arquitetura da UFMG, onde nos interrogamos sobre os avanços e os impasses após um ano de trabalho.

O projeto continua em 2001, sob a minha coordenação e de Maria Inês Lôdi, nós ambas psicanalistas e de José Marcius Carvalho pela engenharia. O ponto de apresentação nesta jornada vem a ser a participação da psicanálise num projeto público sobre dois eixos: a transmissão no sentido de viabilizar a apropriação de conceitos de campos tão heterogêneos, e a psicanálise enquanto discurso na contribuição de formulação de políticas públicas, ou seja, a psicanálise em extensão no que ela pode se articular com o discurso da política, entendido aqui como implicado com a causa social em contraposição ao discurso capitalista globalizante.

TRANSMISSÃO

O eixo da transmissão nos leva à articulação de três matizes essenciais do projeto. Grafite, arte e história não foram frutos de escolha arbitrária. Antes são significantes recolhidos de um processo de escuta. Por assim dizer, são restos decantados de uma experiência-experiência travada no interior de um debate mais amplo, - e devem - no qual todos estão envolvidos. Um debate onde cidade e escrita podem se articular.

A escrita que nos chega diariamente em nosso percurso pela cidade são como nuvens de gafanhoto de escrita, como nos lembra *Walter Benjamin*. Este autor marca o desafio enfrentado por nós nas metrópoles modernas quando a escritura deixa o livro e se verticaliza. Adquire um outro espaço que é o da rua, dos cartazes, das placas, das faixas, dos folhetos, dos *outdoors* constituindo uma imensa aglomeração de textos, instituindo assim, uma escrita da cidade.

Aceitamos o desafio de nos colocarmos em posição de ler os traços, os rabiscos, letra distorcida que emerge e se oculta no emaranhado desta escrita. É certo que pesquisamos

outras experiências. Cito apenas duas: Recife e Brasília. Em Recife o projeto de atenção aos pichadores parte da concepção básica de profissionalizar, ou seja, a idéia central é a da transformação do pichador em grafiteiro. Neste sentido a prefeitura de Recife disponibilizava espaços para o grafite, viadutos e muros, tornando – os suportes de manifestação. Tomamos esta experiência pelo viés crítico.

A profissionalização traz a ilusão de um mercado que está disponível imediatamente. Por conseguinte, basta ser grafiteiro ou se formar como tal, para atingir uma faixa de mercado. A disponibilidade de espaços públicos constitui, em nossa opinião, uma forma de sedução e a imposição de uma estética única ao tecido urbano – sedução que aprisiona mais do que liberta. Além de levar ao ato de pichação, tal procedimento desresponsabiliza o sujeito de seu ato, franqueia a proliferação de poluição visual da cidade exercido por outros atores, como a propaganda e a publicidade. Enfim, ao seduzir, ao ceder espaços, o poder público impede a implicação de todos no debate sobre o cuidado com a cidade, com a sua memória, com seus traços mais singulares. Agindo assim, contribui para o caos urbano.

A experiência de Brasília, cujo projeto chama-se Picasso não pichava, inclui uma parceria entre secretarias de cultura, educação e segurança pública. O objetivo é identificar, começando das escolas, os pichadores, os que serão devidamente acompanhados pela polícia para assegurar que participem de oficinas de grafite. Num caso e no outro a estratégia nos pareceu se assentar sobre o pilar da violência.

Grafite surgiu para nós como uma resposta advinda do campo da pichação e não o contrário. Muitos dos grafiteiros entrevistados foram pichadores, e não foi necessária nenhuma prefeitura para que este movimento do pichador ao grafiteiro ocorresse. É evidente que no contato com eles há a demanda pela cessão de espaços públicos para grafite. Porém, aqui estes espaços são o do debate político. A política, entendida aqui como lugar onde um ato deve ser sustentado. O que pressupõe um sujeito que o sustente. Se o desejo se insinua com traços caóticos, letras distorcidas, isto não nos desobriga de pensar que se trata da marca, da inscrição de um adolescente. Ou, como me dizia um pichador /grafiteiro, a marca é a maneira que temos para dizer que passamos por ali. É deste rastro do sujeito, é a partir desta marca desajeitada que uma transmissão se faz possível. É aí que se tangencia um desejo de saber, mesmo que de forma caótica

e que, nem por isto, deixa de ser um desejo. Não cabe a nós ocupar o lugar do desenvolvido que observa de longe uma arte primitiva. Nossa posição é de levar a sério esta inscrição e, ao mesmo tempo, forçar o caos até convertê-lo em forma. Persistir com paciência para que, ao sujeito, seja possível inscrever algo de si e que não se deixe consumir na demanda da gangue, da droga, da publicidade, do mercado que o agride e o ofende.

A arte parece hoje ser um campo de máxima dispersão. A estética de nosso século passou por profundas alterações. Nas oficinas do Projeto o contato com as mais variadas tendências e escolas da arte tem produzido uma clivagem. Habitados a lidar com a lata de spray, os alunos se deparam com as técnicas de grandes mestres da pintura. O processo de criação exige esforço e trabalho escandindo um tempo veloz e imediato que impõe ao sujeito a satisfação de seu real pulsional.

O escritor Guimarães Rosa; ao ser entrevistado sobre o seu processo de criação, refuta a idéia de uma inspiração. Para ele, tratava-se de trabalho, trabalho, trabalho. O touro desenhado exaustivamente por Picasso surpreende o aluno da oficina. O que parecia fácil transforma-se num processo longo de amadurecimento e rigor. Os quadros dos mestres surpreendem, transformam. Em sua última aula, Fayga Ostrower emocionou ao responder à insistente pergunta de um grafiteiro do Guernica. Esta aula inaugural do curso de pós-graduação da Puc Minas ocorreu uma semana antes do falecimento de Fayga. Ela mostrou-se dedicada e apaixonada pela arte, sua intervenção não era movida por queixa ou ressentimento, o que havia ali era uma serenidade firme. O grafiteiro lhe perguntava se o grafite é arte. A resposta de Fayga foi a seguinte: “se o grafite for apenas a expressão de um sentimento interior, de um desabafo, então não é arte. Para ser arte tem de haver intervalo, estrutura e ritmo”. Creio que a palavra de Fayga tocou profundamente o grafiteiro que, semanas depois, me disse que sua vontade de pintar muros havia diminuído.

Como propõe *Alain Badiou*, há uma função educativa na arte. A arte é educativa simplesmente porque é produtora de verdades e, aqui, educação quer dizer aqui dispor os saberes de tal forma que eles possam fazer buracos.

A história está intimamente relacionada com a memória. O Projeto sustenta a discussão com respeito à memória da cidade entendida como escrita por fazer. Muitos alunos do Projeto nunca tinham ido à Praça da Liberdade ou ao Museu Abílio Barreto. A visita a

estes locais tem o objetivo de compartilhar os traços constitutivos da cidade. Este aspecto é particularmente penoso em Belo Horizonte, pois a cidade que nasceu planejada pela modernidade está fadada sempre a ser moderna, dificultando a fixação destes mesmos traços. Belo Horizonte está condenada sempre a ser moderna, apagando assim sua própria memória. Freud sempre insistiu que a memória é um ato de esforço tal como o é a escrita. Mas é certamente na memória e na escrita que se torna possível eternizar uma cidade, a trajetória de determinada comunidade, uma vida. Numa das discussões da Sociedade psicanalítica de Viena, um debate a partir da conferência “Da psicologia da escritura” proferida por *Ludwig Klages*, psicólogo e filósofo alemão - Freud intervém com a seguinte interrogação: “a escritura como movimento de expressão é uma manifestação da personalidade como um todo ou apenas de uma parte? De que parte se trata? Trata-se sempre das mesmas regiões da vida psíquica em diferentes indivíduos?” A questão colocada por Freud continua a nos instigar. Quando escrevemos, quando lembramos, quando inscrevemos nossas marcas de que lugar agimos?

A psicanálise desde Freud preocupa-se com a transmissão. Todos sabemos da profunda discordância do grande mestre com respeito ao ensino da psicanálise na universidade. Para tanto, Freud teve de lançar mão da IPA como forma de assegurar a transmissão da psicanálise.

Porém, algo sobre o qual a psicanálise não cedeu e que Lacan avançou foi a possibilidade de invenção que a idéia de transmissão contém. A invenção se dá na passagem da impotência ao impossível. É diante do impossível que uma invenção toca o sujeito, convocando-o para um trabalho a realizar.

Que neste ponto grave e breve, num projeto onde o arriscar-se não se elide, ou num acontecimento que muda radicalmente meu modo de ser, possamos encontrar o espaço possível de uma escrita inédita.

Psicanálise e Política

A psicanálise não se esgota na intervenção clínica. A sua prática se inscreve num discurso que é compartilhado por outros discursos da contemporaneidade. É preciso avaliar a

incidência do discurso analítico com o discurso da política. Creio que podemos marcar dois pontos de incidência.

A psicanálise opera a partir de um ponto de falta. Neste ponto as demandas imperiosas de nosso tempo podem ser avaliadas. No mundo globalizado cada vez mais percebemos a submissão dos pressupostos da política ao império da economia, para lembrar uma expressão de Antônio Negri. A política curvou-se à demanda imperativa do mercado a tal ponto que as categorias essenciais do discurso político tais como classes e igualdade, desapareceram. Foram substituídas por sociedades de consumo que só vislumbram no horizonte um determinismo econômico produtor de ampla barbárie. Nunca as categorias da política cederam tanto quanto em nosso tempo. O mercado econômico é o valor e a medida que regulam nossas vidas, colocando-se como realidade última e inquestionável. Cabe agir a partir de um ponto de falta para avaliarmos criticamente esta demanda, questioná-la tanto em seu fundamento quanto na ilusão que produz; estabelecer, em conjunto com o discurso da política, instrumentos que possam interpelar as exigências absolutas desta demanda. À psicanálise cabe um papel fundamental de contribuição no processo de um retorno à política balizada por um ponto de falta a partir de uma idéia de incompletude.

Por fim, parece-me essencial introduzir a noção de desejo na política. Penso, como Alain Badiou, que a política está mais próxima da arte do que da ciência. Lacan também pensou a psicanálise como irmã da poesia. Inscrever o desejo na política é fazer um corte que cria uma nova temporalidade e uma nova espacialidade. Não se pode pensar e agir com a política a partir do tempo das bolsas e do espaço do mercado. O pensamento político se dá em ato. Está comprometido com a transformação e com a fundação de novas possibilidades, não pode se curvar a um determinismo tipo darwiniano que se lhe impõem como destino fatal. Há algo de trágico no desejo. Ele é aspiração profunda de se escapar ao destino. Para a psicanálise o desejo é metonímia do ser, sendo seu objeto sempre faltante. Ao nome corresponde sempre um impreciso ou um impronunciável do desejo. Não se pode dizê-lo todo, mas pode-se dizer de sua causa. Poderia a psicanálise forçar a política a pronunciar a causa do desejo que a habita? Respondo com o impreciso do nome: Guernica.

BIBLIOGRAFIA

BADIOU, Alain. (1998), *Petit Manuel dinesthétique*, Paris, Ed. du Seuil.

_____. (2000) *Acontecimiento; revista para pensar la política*. Buenos Aires.

BENJAMIN, Walter.(1995), *Rua de Mão Única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 5ª. edição, São Paulo, Brasiliense.

ESCOLA LETRA FREUDIANA.(2000), *O Corpo da Psicanálise*. Ano19, Vol27,

LES PREMIERS PSYCHANALYSTES.(1979),*Minutes de la Société Psychanalytique de Vienne*. Paris, Gallimard.

NEGRI, Antonio e HARDT, Michael.(2001), *Império*. Rio de Janeiro, Record.

ROSA, João.(1994), *Obras Completas*. 1ª edição, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.